



JUVENTUDE E POBREZA: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DO FATALISMO

Verônica Morais Ximenes¹

Elívia Camurça Cidade

Universidade Federal do Ceará, Brasil

RESUMO

Este estudo qualitativo, realizado na cidade de Fortaleza (Ceará/Brasil) objetiva analisar as manifestações do fatalismo por jovens em condições de pobreza. O fatalismo representa fenômeno psicossocial associado ao aparente conformismo dos indivíduos diante das situações de opressão decorrentes da pobreza. Realizaram-se dois grupos focais com jovens que se encontravam em situação de pobreza, totalizando doze participantes. As manifestações das atitudes fatalistas pelos/las jovens congregaram: crença no sucesso como resultante do esforço individual e da vontade divina; construção de propósitos de vida ligados às aspirações pessoais; calma aparente; silenciamento e distanciamento emocional diante de situações incômodas. É o clima de incerteza e indefinição de uma vida marcada pela pobreza que reforça o fatalismo, sendo necessário empreendermos caminhos libertários para a juventude pobre.

Palavras chave:

Juventude, Pobreza, Fatalismo.

RESUMEN

Este estudio cualitativo realizado en la ciudad de Fortaleza (Ceará/Brasil) pretende analizar las manifestaciones del fatalismo de jóvenes en condiciones de pobreza. El fatalismo representa un fenómeno psicossocial asociado al aparente conformismo de los individuos ante las situaciones de opresión recurrentes de la pobreza. Se realizaron dos grupos focales, con 12 participantes jóvenes que se encontraban en situación de pobreza. Las manifestaciones del fatalismo congregaban: creencias en el éxito como resultado del esfuerzo individual y de la voluntad divina; construcción de propósitos de vida sujetos a las aspiraciones personales; calma aparente; silenciamento y alejamiento emocional. Es el clima de incertidumbre e indefinición de una vida marcada por la pobreza la que refuerza el fatalismo, siendo necesario emprender caminos libertarios para la juventud pobre.

Palabras clave:

Juventud, pobreza, fatalismo.

¹ Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia da Universidade Federal Ceará. Avenida da Universidade , 2762, Benfica, Fortaleza-CE, Brasil. CEP: 60020-180. Telefone para contato: (85) 3366 7729. E-mail: vemorais@yahoo.com.br.

O presente artigo tem como objetivo analisar as manifestações do fatalismo por jovens em condições de pobreza. A investigação apresenta como relevância a necessária discussão do fatalismo como implicação psicossocial decorrente da vida em condições de pobreza que reflete os aspectos econômicos, ideológicos, culturais e sociais aos quais estão submetidos inúmeros jovens brasileiros.

O termo juventude somente passou a ser amplamente utilizado a partir do século XX (Raitz & Petters, 2008), anunciando a crescente preocupação em atribuir aos/as jovens uma identidade social e política específica. Ocorre, entretanto, que não é possível apresentar uma juventude homogênea segundo um conceito definido, cristalizado em torno de limites etários ou elementos culturais fixos, pois esta ação representaria o risco de tentar reunir, sob um único bloco, uma multiplicidade de identidades (Kimmel & Weiner, 1998).

Cada recorte sociocultural permite que seja observada uma pluralidade de juventudes. Contrariamente ao ideal da juventude como momento áureo de transição entre os cuidados familiares e o anúncio da inserção nas responsabilidades do mundo adulto, a realidade das maiorias juvenis dos países ibero-americanos é mais dura e menos utópica. Os/as jovens convivem com inúmeros paradoxos (CEPAL, 2004), que refletem as contradições existentes entre a idealização juvenil e a realidade. Na juventude, os conflitos refletem os tensionamentos cotidianos vividos pela sociedade contemporânea, sendo a pobreza fenômeno social e econômico atrelado às situações de exclusão e vulnerabilidade aos quais os/as jovens estão subordinados/as (Waiselfisz, 2004).

A Abordagem das Capacitações amplia a concepção de que a pobreza não restringindo-a apenas a privação material de bens, mas sim, como fator que interfere negativamente no exercício das liberdades dos sujeitos (Sen, 2000). Nessa abordagem, o ser humano é ativo na transformação da realidade e possui potencialidades que são pessoais, sociais, culturais e contextuais. Entretanto, é a pobreza fator que impede o sujeito de alcançar suas realizações potenciais (Sen, 2000) ao interferir na satisfação de conteúdos que levam ao bem estar do sujeito.

Os impactos psicossociais decorrentes da pobreza representam as expressões cognitivas, afetivas e comportamentais decorrentes de condições e conduções de vida marcadas pelo risco social, pela vulnerabilidade, por precárias situações de moradia e de acesso às políticas públicas, pela vivência de situações de humilhação social e estigmatização. Trata-se, portanto, de fatores econômicos, culturais e ideológicos que corroboram para a manutenção da pobreza (Cidade, Moura Júnior & Ximenes, 2012). É nesse sentido que a população jovem, quando inserida em condições de pobreza, encontra, se comparada ao restante da população, maiores dificuldades de sair desta situação (Hoppernhayn, 2004). Tal fato se deve tanto às dificuldades de alcançar a independência financeira e, assim, constituir sua própria família em situação distinta da de sua origem, como de conseguir superar as causas da perpetuação da pobreza em suas vidas.

No que tange à realidade do Estado do Ceará (Brasil), contexto de desenvolvimento deste estudo, estima-se que 22.38 % das crianças e dos adolescentes com idade até 14 anos vivem em situação de pobreza extrema, com renda familiar per capita inferior a R\$70,00 ou \$31.73 (PNUD, 2013). A existência dos “círculos perversos” da pobreza (Kliksberg, 2002, p.26) composto pela relação entre “família pobre, educação incompleta, desemprego, pobreza”, precário acesso às políticas públicas, ratifica estes dados quando nos depararmos que 19.63% da população do Ceará com idade entre 15 e 24 anos não estudam, nem trabalham e se encontram em situação vulnerável à pobreza.

A vida em condições de pobreza implica em modos específicos de inserção no mercado de trabalho, quer pela restrição de acesso às políticas públicas, quer por deficiências em seus processos formativos ou pela vivência do estigma da pobreza. Os/as jovens pobres são vistos como oriundos dos territórios da pobreza (Coimbra, 2001). A vulnerabilidade social, decorrente da pobreza, é considerada como condição de desenvolvimento da juventude e utilizada para legitimizar a visão de que os sujeitos pobres são potencialmente incapazes de transpor as barreiras econômicas, sociais e políticas. Segundo Bastos, Iriart, Alcântara, Milani e Santos (2008, p.568) em meio ao “risco de ser adolescente” instaura-se um progressivo processo de vitimização dos/as jovens, no qual está presente desde o agravamento de



questões como: a violência, o abandono e a negligência até uma conseqüente diminuição de sua autonomia e participação, justificadas sobre a argumentação de sua suposta incapacidade de responder às expectativas sobre eles investidas.

Os/as jovens, para se portarem no convívio social, constroem conceitos sobre si e sobre a vida e adotam modos de compreensão dos elementos do cotidiano. Estes elementos corroboram para a construção do que poderia ser intitulado de constituição psicossocial da juventude em condições de pobreza. É nesse sentido que os/as jovens pobres desenvolvem suas estratégias de sociabilidade e visibilidade. Eles buscam alternativas para lidar com o sofrimento psíquico decorrente da vida em situação de insegurança. Estes caminhos alternados, dentre os quais é destacado o fatalismo, nem sempre são facilmente reconhecidas como estratégia de enfrentamento e mecanismo de denúncia às circunstâncias de opressão que vivenciam.

Fatalismo

Martín-Baró (1998), que o define fatalismo como uma visão sobre o mundo, o entorno e as relações em que há uma compreensão da existência humana, segundo a qual o destino humano já está predeterminado e todo fato ocorre de modo inevitável. Ele engendra comportamentos, idéias e sentimentos de modo a permitir que os sujeitos reajam aos conseqüentes esforços frustrados em mudar o curso da vida. No imaginário dos indivíduos, são formulados conjuntos de leis, justificativas e modelos explicativos com o interesse de dar conta de uma realidade que parece impossível de ser transformada após inúmeros investimentos fracassados. O fatalismo, em certo sentido, possui suas raízes no processo de evolução ideológica da pobreza e na concepção de que há uma determinação divina responsável pela existência de ricos e não-ricos (Sprandel, 2004). Uma vez que a responsabilidade das situações desfavoráveis de vida é desvinculada da análise dos fenômenos segundo o contexto histórico-cultural específico, ocorre que os sujeitos passam a ser responsabilizados pela situação em que vivem, seja devido à promessa de obtenção de redenção espiritual ou em virtude da incapacidade que possuem de superar um dia-a-dia árduo. Localizar nas pessoas as raízes dos mecanismos que produzem a pobreza e a desigualdade social obedece, assim, à tendência de culpar a vítima (Ryan, 1976) por todas as agruras que experimentam no cotidiano e incitá-las ao fatalismo.

Consoante com esta compreensão, a disseminação do fatalismo não encontraria seus elementos fundamentais apenas nos valores difundidos no foro familiar, mas, sobretudo, na experiência de viver o cotidiano em um ambiente social marcado pela pobreza, pela desigualdade social e pela constante perpetuação de ideais de culpabilização. Com o passar dos dias, os recorrentes esforços frustrados em mudar o curso da vida acabam por criar, no imaginário dos indivíduos, um conjunto de leis, justificativas e modelos explicativos a fim de dar conta dessa realidade que se apresenta engessada. Há a concepção de existência de uma ordem já estabelecida, exercida em função da vontade divina, que é a grande responsável pelo destino dos sujeitos.

Blanco e Díaz (2007, p.552) afirmaram o fatalismo como fenômeno que, na atualidade, vincula-se não apenas aos contextos marcados pela pobreza, mas, sobretudo, deve ser analisado em termos da vivência dos sujeitos em contextos culturalmente marcados pelo individualismo, pelo “(...) clima de incerteza, insegurança e indefinição frente aos acontecimentos que caracterizam a sociedade do risco global”. Embora as formulações de Martín-Baró (1998), já apontassem para o poder adaptativo do fatalismo, a leitura de Blanco e Díaz (2007) o considera em termos das ameaças incontroláveis atuais, tais como a destruição do meio ambiente, as ameaças do terror fanático, o desemprego, a exclusão social dentre outros. Apesar de esta face do fatalismo não ser nova, seu destaque se deve à maneira com que se manifesta obstinadamente nas sociedades altamente desenvolvidas. Diferentemente do contexto de guerra civil de que falava Martín-Baró (1998), a situação atual dispõe sobre as conseqüências oriundas da guerra psicológica, que gera a constante sensação de insegurança diante do futuro, da violência e da exclusão social.

Com isso, observando-se as reflexões relativas ao fatalismo, os comportamentos atribuídos aos/as jovens como sendo de passividade, desesperança, apatia, indiferença e rebeldia ganham uma nova

conotação, pois passam a ser vistas dentro de um contexto social, político e econômico contemporâneo, que oferecem aspectos peculiares para a constituição da juventude pobre.

Método

A metodologia adotada nesta investigação fundamenta-se na perspectiva qualitativa, que considera o caráter histórico com que os fenômenos são compreendidos (Minayo, 2008) e concebe os/as participantes como capazes de desenvolver modos específicos de percepção e interpretação do mundo. A investigação foi realizada na Região do Grande Bom Jardim localizada na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará (Brasil). Esta Região caracteriza-se por ser uma das áreas mais populosas de Fortaleza, contabilizando cerca de 230.000 habitantes. Trata-se de um cenário marcado por diversas problemáticas sociais, compartilha precária infra-estrutura e grande número de pessoas que se encontram em situação de risco e de vulnerabilidade social (Ribeiro, 2008).

Participantes

Foram participantes as/os jovens do Projeto Jovem Aprendiz, com idade entre 17 e 22 anos e que estavam em pobreza multidimensional, desenvolvido pelo Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, organização não-governamental fundada por padres combonianos em 1996 e que presta serviços voltados para saúde mental e ações de amparo social para moradores da Região do Grande Bom Jardim. O Projeto Jovem Aprendiz, criado nacionalmente por meio da sanção da Lei nº. 10.097 (Brasil, 2000), estabelece que as empresas privadas devem possuir, no quadro de funcionário, uma porcentagem entre 5% e 15% de jovens aprendizes, com idade entre 14 e 24 anos. Para tanto, o/a jovem necessita estar inscrito em curso ou programa de aprendizagem desenvolvido por instituições e, caso não tenha concluído o ensino fundamental ou médio, deve estar matriculado e freqüentando a escola. No Grande Bom Jardim, as ações do Projeto Jovem Aprendiz realizadas pela ONG foram iniciadas em 2008 através do desenvolvimento de cursos de formação envolvendo, em sua grande maioria, jovens residentes na Região.

Instrumentos

A pesquisa utilizou dois instrumentos: questionário sócio demográfico e grupos focais. O questionário teve como objetivo identificar dados relacionados a situação de pobreza multidimensional e avaliava o nível de privação dos sujeitos nas dimensões saúde, educação e padrão de vida, conforme indicadores do IPM (PNUD, 2013). O questionário somente foi utilizado para identificar os sujeitos pesquisados, o que não caracteriza uma pesquisa quantitativa. Os grupos focais (Minayo, Deslandes & Gomes, 2010) foram utilizados como instrumento de coleta de dados para analisar as manifestações do fatalismo dentro de um desenho de pesquisa qualitativa. Os grupos foram conduzidos a partir de um Guia de Tópicos, organizado em torno de questões relativas aos tipos de relações estabelecidas; os modos de participação em atividades cotidianas (na família, na comunidade e na escola); suas percepções sobre a pobreza e a compreensão que possuem sobre os fatos cotidianos.

Procedimentos

O Questionário foi aplicado com os/as 49 participantes do Projeto, dentre eles, aproximadamente 93.6% dos/as jovens participantes do Projeto Jovem Aprendiz possuíam privação em pelo menos uma dimensão do IPM, podendo os/as participantes estar em risco ou em pobreza multidimensional. Os questionários foram aplicados de forma individual com cada participante.

Foram realizados 2 grupos focais e convidados 12 jovens participantes do Projeto no turno da manhã e 17 jovens do turno da tarde. Contudo, estiveram presentes nos dois grupos focais 12 jovens, sendo seis em cada turno. Os grupos focais foram realizados em uma sala da Casa de Aprendizagem Ezequiel Ramin, com duração de 2 horas cada um, e conduzidos por duas pesquisadoras .

Análises de dados

O material dos grupos focais foi transcrito e analisados com auxílio do *software Atlas Ti 5.2*, que consiste em uma ferramenta tecnológica para análise qualitativa mediada pelo computador (Bauer & Gaskell, 2002), possibilitando o armazenamento de informações e o registro do processo de categorização e análise realizado pelo pesquisador. A Análise de Conteúdo do Tipo Temática de Laurence Bardin (2011), enquanto fundamentação metodológica de análise de dados, foi potencializada com uso do Atlas



Ti 5.2, sobretudo por haver similaridades entre o processo de desenvolvimento desta proposta de análise e a utilização da ferramenta tecnológica, que potencializa a organização dos conteúdos. As categorias analisadas foram as ideias, os comportamentos e os sentimentos relativos às manifestações do fatalismo.

Considerações éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC) através do Protocolo COMEPE n°. 017/11. Os/as participantes leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado para a pesquisa e aceitaram as condições nele expressas para participar da pesquisa, estando cientes das etapas da investigação e da possibilidade de se retirar a qualquer momento do processo.

Resultados

No estudo, a análise das manifestações do fatalismo se deu através da consideração da tríade ideias, comportamentos e sentimentos, assim como proposto por Martín-Baró (1998). A compreensão das ideias fatalistas compartilhadas pelos/as jovens foi apreendida a partir dos caminhos que acreditam ser possíveis para a mudança da realidade social, da maneira como compreendem os fatos, da evocação de figuras divinas e da visão de futuro que possuem. Os comportamentos, por sua vez, dispõem sobre as ações adotados diante de situações que julgam desagradáveis e da tomada iniciativa. Já os sentimentos, são expressos por meio dos conteúdos afetivos relacionados à pobreza, as manifestações de indignação, humor e ironia, bem como, de medo, de iniciativa em situações nas quais foram solicitados a se colocar de maneira assertiva.

Quanto à manifestação das ideias fatalistas, os/as jovens participantes demonstraram dificuldades de construir mentalmente aqueles que poderiam ser os caminhos para a mudança da realidade social. Eles/as apresentaram visões reducionistas de uma realidade que parece cristalizada e não se colocam como agentes realizadores de mudanças. Um jovem mencionou acreditar na impossibilidade de transformação do que vê acontecer em sua comunidade. Segundo ele, *“Como tá, acho que não se pode mudar, porque a gente vê nas reportagens menino de 12 a 17 anos assaltando, só nessa faixa”*.

Os/as jovens compartilham, ainda, singularidades na maneira com que compreendem os fatos cotidianos. Segundo eles/as, o êxito obtido nas atividades empreendidas está relacionado tanto à sorte, ao acaso, como à intensidade de seus esforços pessoais. De acordo com uma jovem participante, *“Eu tive sorte de vir me inscrever, nem tava no curso ainda, mas já ser chamada pra entrevista”*. A consideração dos elementos concretos cotidianos como influenciadores do insucesso é, então, colocado em segundo plano, sendo a responsabilidade própria dos sujeitos e de forças superiores.

Os/as jovens apresentam visões de futuro eminentemente relacionadas a projetos individuais que podem ou não vir a perpassar o bem-estar de seus familiares mais próximos. Os desejos vão da conquista de um bom emprego, abertura de um negócio próprio, aquisição de bens, garantia de melhores condições de vida para os familiares até a aprovação em concurso público. Um jovem, embora afirme desejar mudar sua realidade no futuro, diz não saber, no presente, como este caminho de transformação pode vir a acontecer. A incerteza do amanhã caminha juntamente à necessidade cotidiana de assegurar o mínimo necessário para os irmãos. *“Futuramente não sei como é que vai ser. Mas hoje, assim, eu não vejo nenhuma solução. Eu tento seguir dessa mesma forma, vou trabalhar, pra ter dinheiro no mês, pra poder sustentar a família né?”*.

Juntamente aos propósitos cada vez mais individualistas, está também a associação entre o desejo que pretende alcançar no futuro e a dependência de sua realização à vontade divina. Um dos jovens afirmou considerar que há um Deus que direciona seu caminho. *“Daqui a dez anos eu pretendo entrar na marinha, se Deus permitir, né? Mas se Ele não permitir, eu quero me tornar um empresário em algum ramo que dê pra mim sustentar minha família”*.

Há, com isso, uma divindade que orienta e é vista como responsável por ações que futuramente resultarão no alcance dos objetivos pretendidos. As dificuldades são "provações" para um futuro melhor. Há referência a insegurança diante dos próprios sentimentos e conflitos, pois o conflito do outro e sua dor são maiores.

No plano dos sentimentos expressos relativos às manifestações das atitudes fatalistas pelos/as jovens pobres, estão aqueles relacionados aos afetos oriundos da observação e vivência da pobreza, as expressões de indignação, humor e ironia e medo. Diante da pobreza, os/as jovens afirmam se sentirem tristes, impotentes e compadecidos com a dor do outro. Uma jovem, frente à observação da situação de privação vivida por um membro da comunidade declara: *“Aí ela tem 3 filhos e ela, meu deus! Coitada, só de olhar pra ela já dá pena”*.

A compaixão e o sentimento de incapacidade de transformar esta realidade social estão também relacionados à indignação diante da comparação entre o valor superior obtido por outros colegas da comunidade com venda de drogas e a sua remuneração, dos recorrentes assaltos existentes na comunidade e do desinteresse apresentado por outros colegas do Projeto Jovem Aprendiz. Embora indignados com a situação que observam, os/as jovens demonstram medo de denunciar as práticas ilícitas observadas na comunidade. Uma jovem afirmou, *“Lá perto de casa tem uma família lá que nem é toda errada, mas o patriarca da família ele é errado. A gente sabe das coisa dele errada. Só que a gente tem medo de denunciar”*.

Sob o aspecto comportamental, dentre as ações frente às situações desagradáveis estão a afirmativa dos/as jovens de buscarem a superação, graças ao incentivo de outras pessoas, do desconforto decorrente de situações de insucesso. Diante da antecipação de situações de insucesso no futuro, os/as jovens declaram serem possuidores de capacidade de superação. *“Ah, mas aí porque que eu não vou conseguir? Se a pessoa quer, trabalha, ela consegue. A gente nunca deve parar, sempre continuar!”*.

O silêncio aparece também como comportamento adotado frente às situações que desagradam. Silenciar, nesse sentido, aparece tanto como expressão de uma postura passiva e resignada como alternativa para não “se rebelar”.

Discussões

Os resultados indicam que, mesmo sendo difícil para os/as jovens construir mentalmente caminhos para a transformação social, à nível individual seus projetos de futuros são formulados em dependência de um esforço que é pessoal e conta com o auxílio de forças superiores. O fatalismo no cotidiano dos/as jovens pode, portanto, expressar-se por meio da adoção de sistemas explicativos baseados em lógicas randômicas, aleatórias, segundo a qual pouco ou nada pode ser feito no decurso da vida social a fim de evitar situações desagradáveis, sendo resguardados elementos da ordem do esforço para mudança de sua vida individual.

Dessa forma, percebe-se que mesmo se eximindo da responsabilidade de intervir em favor da diminuição das conseqüências desagradáveis de certas ações, isto não quer dizer que o/a jovem perca todo o seu potencial de ação frente aos seus anseios individuais. Afinal, a associação direta entre o fatalismo e a incapacidade do indivíduo em reagir reduz a compreensão sobre as manifestações do fatalismo. Com efeito, o que se quer enfatizar são suas expressões menos evidentes, mas que contribuem para a perpetuação de modos de subjetivação ancorados na submissão e na resignação (Góis, 2008) dos indivíduos frente à vida em sociedade. O fatalismo vai sendo progressivamente associado à diminuição da contribuição social, que seria a capacidade vislumbrada pelos sujeitos de intervir para transformar sua realidade.

O descrédito apresentado pelos/as jovens nos governantes como responsáveis pela garantia de melhorias para a população designa mais um dos indicadores das atitudes fatalistas compartilhadas pelos/as sujeitos. Esta experiência é reforçada quando cotidianamente os sujeitos submetidos aos contextos de pobreza e violência não experimentam acesso adequado à alimentação, educação, saúde e habitação, encontrando-se em situação de risco social (Armenta, 2015). A impossibilidade das instituições se efetivarem como responsáveis pelas garantias sociais é fruto do limite controlado dos perigos característico das sociedades atuais (Blanco & Díaz, 2007).

Diante da busca pela sobrevivência, ocorre que os sujeitos vão sendo direcionados para as dimensões mais individuais e particulares. Uma das características do fatalismo na atualidade não é, portanto, a ausência do desejo de obtenção de melhorias de vida, mas sim a centralização dos intuítos



nesta esfera reduzida de bem-estar. Tal fato é coerente com os aspectos subjetivos decorrentes da organização produtiva através do modelo capitalista, que marca o esvaziamento da vida social através do distanciamento das necessidades dos outros, a busca permanente pelo consumo e a alienação do/a trabalhador/a em relação à atividade que realiza, o que leva a situações de sofrimento psíquico (Guzzo, Tizzei & Alves, 2013).

Não se trata, portanto, da afirmativa de que os sujeitos que manifestam atitudes fatalistas necessariamente vivem em profundo estado de torpor e apatia. A cristalização da vida cotidiana e a descrença de si como capaz de superar as adversidades pode acarretar no risco da disseminação da passividade e do conformismo (Blanco & Díaz, 2007), mas sua efetivação somente se dá quando há desconfiança na sociedade e centralização dos intuítos na esfera individual.

O distanciamento dos problemas coletivos e a falta de iniciativa para o desempenho de ações que beneficiem todos não são acompanhados de uma total apatia frente às necessidades pessoais dos indivíduos, pois isto não os impede de formular objetivos pessoais. A sociedade, *locus* primeiro de perpetuação do fatalismo, passa a ser vista pelos sujeitos como ambiente inóspito, potencialmente capaz de lhes oferecer situações desagradáveis, dotada de uma constituição impossível de ser transformada pelos sujeitos, não confiável ou segura, o que conduz a necessidade de elencar metas e objetivos eminentemente pessoais para com isso lidar com esta constante instabilidade (Abello-Lhanos *et al*, 2009). Os/as jovens se voltam para seus propósitos pessoais. Já que não é possível esperar nenhuma mudança positiva da realidade, qualquer transformação vivenciada deve partir de seu próprio esforço e dedicação. Trava-se, com isso, uma luta solitária.

O fatalismo com que os povos latino-americanos têm aceitado seu destino pessoal representa, segundo Martín-Baró (1995), um claro indício da interiorização da violência estrutural, perpetuado ao longo de gerações por meio de ideários religiosos. Percebe-se que a fé resignada em um ser todo poderoso não traz apenas elementos negativos para os sujeitos. Ao contrário, ela funciona ainda como alternativa para manutenção da estabilidade emocional mediante a promessa de um futuro melhor. A crença em uma ordem superior pré-estabelecida auxilia também no distanciamento emocional dos fatos cotidianos como estratégia para lidar com o que desagrada.

O medo relatado pelos/as jovens de denunciar as práticas ilícitas vivenciadas na comunidade, por sua vez, está relacionado à descrença nas instituições como promotoras da justiça social. A denúncia, para eles, pouco ou nada altera a realidade e pode incorrer no risco de represálias contra os moradores. Afirma-se, com isso, a prerrogativa de Fanon (2001) e Góis (2008) de que mesmo frente às situações promotoras de sofrimento a dominação do homem nunca é completa. Esta capacidade do indivíduo de se adaptar e de reagir ao sofrimento imposto precocemente é consequência da manifestação de seu poder resiliente (Yunes, 2003). Com isso, tem-se que os resilientes na verdade são sobreviventes que se ampararam na força, coragem e conhecimento profundos da dor frente à situações de miséria, opressão e injustiças vivenciadas na infância. Seria o próprio fatalismo, com suas peculiares formas de manifestação, uma expressão do potencial adaptativo desses/as jovens frente às condições adversas. Ele apresenta similaridades com a adaptação resiliente, pois está engendrado em um movimento de resistência, de manutenção da saúde mental desses sujeitos, que podem se valer das mais variadas estratégias para lidar com seus incômodos e manifestar seus desgostos.

A referência ao silenciamento diante de situações desagradáveis indica a difusão da Cultura do Silêncio (Freire, 1980) entre os/as jovens pobres. Esta cultura, responsável por sufocar a fala, os anseios e desejos dos povos, nasce da relação entre dominador e dominados, sendo o primeiro responsável pela exposição verbal por meio da imposição de ordens e valores e o segundo pela escuta apática e permissiva. Uma sociedade dependente é uma sociedade silenciosa, capaz de imprimir nos sujeitos determinados tipos de consciência, dispostas segundo os níveis de condicionalidades presentes nas estruturas sociais.

No que concerne ao fatalismo, Martín-Baró (1998) acredita que sua superação somente é possível por meio do resgate da memória histórica dos povos dominados e, por isso mesmo, de seu processo de conscientização, que nada mais é que a consciência histórica (Freire, 1980) que permite que os homens e as mulheres assumam papel de sujeitos frente ao mundo.

Trata-se, contudo, de uma mudança de atitude que pode ser inicialmente observada nas relações mais próximas. Entretanto, grande desafio para a superação do fatalismo ainda se apresenta, haja vista a necessidade de que seja possível o progressivo avanço por parte dos/as jovens de uma postura de confronto para uma de estabelecimento do diálogo que problematiza os elementos discordantes das relações sociais.

Conclusões

Percebe-se que o fatalismo manifesto pelos/as jovens pobres possui raízes nas vivências desses sujeitos em condições de pobreza, que acentuam a incidência dos riscos inerentes à vida em privação e a sua inserção em um ambiente social caracterizado pelo individualismo, pela violência, instabilidade financeira e perpetuação de ideais de consumo. Diante de uma realidade que parece ser imutável, a atribuição da responsabilidade dos fatos cotidianos a uma entidade divina aparece como elemento apaziguador das tensões sociais e do sofrimento psíquico oriundo da insegurança de viver na pobreza. Trata-se de um processo de distanciamento emocional que se configura como alternativa psíquica elaborada pelo sujeito para conseguir dar conta de uma realidade que se apresenta cristalizada.

Conclui-se que é o clima de incerteza e indefinição de uma vida marcada pela pobreza que assegura e pode reforçar o fatalismo, sendo necessário empreender ações que provam caminhos libertários para a juventude pobre. O incentivo à convivência em grupos, a adoção de estratégias que privilegiem ações comunitárias, a condução das aulas de formação tomando como referenciais a problematização e a proposição de alternativas de transformação de elementos cotidianos que incomodam os/as jovens, o resgate dos fatores influenciadores de suas vidas e o estímulo à reflexão crítica dos modos com que a sociedade se estrutura poderiam, então, se constituir como estratégias para diminuição dos impactos danosos que a vida em condições de pobreza traz para a juventude.

A Psicologia Comunitária se configura como campo de saber e intervenção em psicologia que muito tem a contribuir com a superação dos impactos psicossociais da vida em condições de pobreza. Recomenda-se a incorporação da categoria fatalismo, mediante sua manifestação em termos de ideias, comportamentos e sentimentos, para a compreensão do desenvolvimento do psiquismo dos sujeitos marcados por contextos de opressão, insegurança e marginalização.

Referências

- Abello-Llanos, R. et al. (2009). Bienestar y trauma em personas adultas desplazadas por la violencia política. *Universitas psychologica*, Bogotá, 8 (2), 455-470.
- Armenta, M. F. (2015). Repercusiones del maltrato infantil en una población de riesgo. *Interamerican Journal of Psychology*, 49 (1), 108-116.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, A.C.S, Iriart, M.F., Alcântara, M.A.R., Milani, F. & Santos, J.E.F. (2008). O risco e a possibilidade: Ser adolescente em contextos brasileiros. In L.R. Castro & V.L Besset, (Orgs). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 567-586). Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Blanco, A., & Díaz, D.(2007). El rostro bifronte del fatalismo: Fatalismo colectivista y fatalismo individualista. *Psicothema*, 19(4), 552-558.
- Brasil (2000). *Lei n°. 10.097, de 19 de dezembro de 2000*. Recuperado en http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm.
- Cidade, E.C., Moura Júnior, J.F., & Ximenes, V.M. (2012). Implicações psicológicas da vida em condições de pobreza para o povo latino-americano. *Psicologia Argumento*, 30(68), 87-98.
- Coimbra, C. (2001). *Operação Rio: O mito das classes perigosas*. Um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto.



- Comision Económica para América Latina e el Caribe (CEPAL). (2004). *La juventude en Iberoamérica: Tendencias y urgencias*. Santiago de Chile. Recuperado de http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/6/20266/CEPAL_OIJ.pdf.
- Fanon, F. (2001). *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Freire, P. (1980). *Conscientização*. São Paulo: Moraes.
- Góis, C.W.L. (2008). *Saúde comunitária: Pensar e fazer*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- Guzzo, R.S.L., Tizzei, R.P. & Alves, L.V. (2013). Sofrimento e vida: (Im)possibilidades de enfrentamento e superações. In M.H. Bernardo, R.S.L Guzzo, & V.L.T. Souza. (Orgs). *Psicologia Social: Perspectivas críticas de atuação e pesquisa*. Campinas, SP: Alínea.
- Kimmel, D. & Weiner, I. (1998). *La adolescencia: Una transición del desarrollo*. Barcelona: Ariel.
- Kliksberg, B. (2002). *América Latina: Uma região de risco – pobreza, desigualdade e institucionalidade social*. Brasília: UNESCO.
- Martín-Baró, I. (1995). Processos psíquicos y poder. En D' Adamo, O.; García-Beaudoux, V. & Montero, M. (coords). *Psicología de la acción política* (pp. 205-233). Buenos Aires: Paidós.
- Martín-Baró, I. (1998). *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta.
- Minayo, M.C.S. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M.C.S, Deslandes, S.F., & Gomes, R. (2010). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes. PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) (2010). *Indicador do RDH avalia novas dimensões da pobreza mundial*. Recuperado de <http://www.pnud.org.br/noticias/impressao.php?id01=3597>.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) (2013). *Atlas do desenvolvimento humano do Brasil 2013*. Recuperado de http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2013.
- Raitz, T. R. E., & Petters, L. C. F. (2008). Novos desafios dos jovens na atualidade: Trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 408-416.
- Ribeiro, K.G. (2008). *Biodança e Saúde Percebida: Um olhar biocêntrico sobre a saúde*. Dissertação Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Brasil.
- Ryan, W. (1976). *Blaming the Victim*. New York: Vintage Books.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sprandel, M. A. (2004). *A pobreza no paraíso tropical: Interpretações e discursos sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumnará, 2004.
- Waiselfisz, J. J. (2004). *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília: UNESCO. Recuperado de <http://unesdoc.org/images/0013/001339/133976por.pdf>.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, num esp, 75-84.

Received: 09/29/2014
Accepted: 06/08/2016